

OPINIÃO

'Ética e enriquecimento ilícito'

Recordo-me que, há uns anos, numa entrevista para director de banca privada, um candidato, vindo de um grande banco global, me disse que nesse banco não aceitavam 'fortunas' vindas de alguns países conhecidos internacionalmente pelo seu elevado nível de corrupção, normalmente, ligado aos negócios da droga, armas, diamantes ou mesmo do petróleo.

Estranhei, porque o negócio do banco é gerir fortunas e é habitual dizer-se que o dinheiro não tem cor, nem pátria e, acrescento eu, nem moral. Mas o candidato explicou-me. Aceitar esse dinheiro era, para além de um risco de, mais tarde, a imagem de honestidade do banco ser prejudicada pela ligação a esses negócios, frontalmente contra um dos valores base da cultura da organização. O valor ética/integridade.

Vem isto a propósito da tão falada questão do enriquecimento injustificado, ou ilícito. Só quem não quer ver (nomeadamente alguns políticos honestos) é que não sabe que em Portugal existe um nível inadmissível de corrupção, especialmente entre os detentores de cargos políticos e entre funcionários públicos. Digo especialmente porque este tipo de 'doença' tem vindo a contagiar gestores de empresas publicas e privadas.

É por achar que a corrupção mina a credibilidade das instituições e os princípios morais de um povo que eu defendo a criminalização do enriquecimento ilícito. A pretensa (porque na realidade não tem de existir) inversão do ónus da prova é um problema que pode e deve ser resolvido, mas que não deve obviar a que se avance nesta matéria.

Contudo, embora as leis sejam importantes, creio que os países têm muito a aprender com o que se passa em algumas organizações para as quais há muito que o sucesso sustentado passa por referenciais intangíveis ligados a uma imagem institucional e a marcas que transmitam integridade, 'confiabilidade' e respeito pelo bem comum. O tempo do capitalismo selvagem, onde as empresas geravam lucro à custa de secarem tudo à sua volta, está fora de prazo.

É por isso que a ética organizacional deixou de ser uma mera retórica de moda e se tem vindo a transformar, pouco a pouco, num dos princípios básicos da actuação para qualquer gestor e mesmo numa espécie de consciência organizacional.



José Bancaleiro
Partner da Boyden

Construir uma imagem de um país ou empresa é um processo longo e difícil. Destruí-la demora apenas o tempo de um pequeno deslize

Esta consciência tem que estar completamente embutida na sua cultura. Só assim ela se pode transmitir como um factor diferenciador e manter-se de forma perene e permanente. Só assim ela pode estar presente sempre e em tudo o que a organização faz. Não chega falar em ética (de boas intenções está o inferno cheio) é necessário praticá-la permanentemente.

A prática da ética só é possível quando se apoia numa atitude inequívoca e consistente da equipa de gestão (ou de um governo) e se transmite a toda a organização (a todo um país), podendo ser reforçada através de ferramentas como a Missão, Código de Ética, Provedor, Comité de Ética, Auditorias Éticas, Linhas Directas de denúncia e Programas de sensibilização/formação, preferencialmente para todos os colaboradores.

Construir uma imagem (de uma empresa ou dum país) é um processo longo e difícil. Destruí-la demora apenas o tempo de um pequeno deslize. Muitas organizações, só perceberam isto quando já não tinha remédio. Já estavam em processo de falência ou vitimas alguma OPA hostile, motivada pela redução do seu valor no mercado.

Mais importante que leis e regras é o exemplo que vem de cima e a tomada de medidas integradas e consistentes que promovam a ética em tudo aquilo que fazemos, isto é, criar uma cultura de ética.